
Agitação e propaganda no ambiente digital: análise da produção de conteúdo realizada por Laura Sabino no TikTok.¹

Verônica BARBOSA²

Paulo Roberto Figueira LEAL³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, MG

RESUMO

Ao disputarem espaço nos debates políticos por meio da atuação em redes sociais digitais, comunicadores alinhados à esquerda revolucionária encontram diversas oportunidades e desafios inerentes a esse ambiente estruturado segundo a lógica do sistema em que está inserido: o capitalismo imperialista, o qual imprime sua dinâmica também nos fluxos de dados e nas condições de produção de conteúdo digital. Com o objetivo de vislumbrar caminhos para se fazer um bem sucedido trabalho de comunicação política pelo viés da esquerda revolucionária nas redes sociais digitais apresenta-se, neste artigo, uma proposta de Trabalho de Conclusão de Curso em que serão analisados 30 vídeos do perfil da comunicadora Laura Sabino no TikTok, uma importante comunicadora marxista brasileira, por meio da Análise Crítica do Discurso.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação audiovisual; agitação e propaganda; esquerda brasileira; redes sociais digitais.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é fruto da elaboração de um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso e se insere no tema da comunicação audiovisual, mais especificamente na produção de conteúdo pela esquerda revolucionária brasileira nas redes sociais. Para esse campo político, composto por aqueles que “defendem uma revolução para construir alternativas” (FERNANDES, 2020, p. 20) ao sistema capitalista, a crescente popularização das redes sociais digitais nos últimos anos tem conferido uma nova complexidade aos desafios comunicacionais que já enfrentava historicamente, uma vez que a luta de classes, ou seja, o tensionamento entre a burguesia e o proletariado, passa a acontecer também nos meios digitais – uma vez que são estruturados também segundo a

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Rádio, TV e Internet e bolsista do Programa de Educação Tutorial da FACOM-UFJF, email: veronica.barbosa@estudante.ufjf.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Rádio, TV e Internet e colaborador do Programa de Educação Tutorial da FACOM-UFJF, email: paulo.leal@ufjf.br.

lógica do capitalismo monopolista e contém, ainda que em uma plataforma diferente, as disputas de ideias que ocorrem fora desses meios. Diante desse contexto, escolhe-se como objeto de estudo o perfil da militante e comunicadora Laura Sabino no TikTok, cujo trabalho de comunicação política na internet se iniciou no Youtube por meio da criação de um canal que leva seu próprio nome. Nesse espaço, a jovem começou a publicar alguns vídeos com convidados e outros sozinha, geralmente tirando dúvidas ou elaborando explicações lúdicas (por meio de analogias com filmes, por exemplo) acerca de pautas da esquerda revolucionária. Além do Youtube, Sabino começou a levar seu trabalho com maior presença também a outros espaços digitais, tais como o Instagram, o Twitter, a Twitch e a rede que será analisada nesse trabalho, o TikTok.

Assim, o problema central da pesquisa será verificar a maneira como são usadas as ferramentas clássicas de agitação e propaganda leninista pela comunicadora Laura Sabino nos vídeos que publica no TikTok e distinguir as que são diretamente identificáveis daquelas que foram adaptadas ao ambiente digital. Para isso, teremos como referencial teórico a definição de Lênin segundo a qual o propagandista.

[...] deve dar ‘muitas ideias’, tantas que todas essas ideias só poderão ser assimiladas no momento por (relativamente) poucas pessoas. O agitador, todavia, ao tratar do mesmo problema, [...] fará todos os esforços para inculcar nas “massas” uma só ideia [...] (LÊNIN, 2020, p. 83-84).

Nesse sentido, busca-se o objetivo geral de elucidar caminhos para se fazer um bem sucedido trabalho de agitação e propaganda pelo viés da esquerda revolucionária nas redes sociais digitais. O material empírico será composto pelos 30 vídeos do perfil de Laura Sabino no TikTok publicados entre 16 de agosto de 2022 e 23 de maio de 2023, de modo que se possa dar conta, no tempo que temos para a realização desse trabalho, de analisá-los com a devida profundidade. A escolha de tal objeto de estudo justifica-se por dois fatores principais. Primeiro, pelo fato de Laura ser uma comunicadora que também é militante (organizada no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) e, segundo, pela relevância que o TikTok vem ganhando no Brasil – para se ter uma ideia, a rede cresceu 1050% em número de usuários ativos no país entre 2020 e 2022 (NETO, 2022). Como método para a investigação do material, escolhe-se a Análise Crítica do Discurso, uma vez que ela observa o discurso em relação dialética com as estruturas sociais, considerando-o mutável e, ao mesmo tempo, potencial gerador de mudanças.

O TRABALHO DE AGITAÇÃO E PROPAGANDA E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONJUNTURA POLÍTICA

De modo a compreender melhor o objeto que será estudado no presente artigo, é fundamental que se debruce sobre os fatores políticos e econômicos que permeiam sua existência. Dado que os meios de comunicação digitais mais usados no Brasil são administrados por grandes empresas monopolistas no contexto do capitalismo imperialista, façamos um breve sobrevoo pela história recente desse sistema político, de modo a vislumbrar o estágio atual de seu desenvolvimento. Segundo V.I. Lênin, o capitalismo do final do século XIX começa a dar indícios de uma importante mudança: passa de um sistema onde imperava a livre concorrência para uma dinâmica em que a estruturação de monopólios é central – deixando o livre mercado em segundo plano. Nesse cenário, “[...] um punhado de monopolistas subordina a si as operações comerciais e industriais da sociedade capitalista em bloco” (LENIN, 1982, p. 35), ou seja, um grupo cada vez mais reduzido de capitalistas passa a possuir um número cada vez maior de empresas, chegando à possibilidade de regular todo o mercado de um determinado setor.

Apesar dessa fase monopolista do capital coincidir com um estágio da dominação colonial em que não há mais novos territórios a serem dominados no globo terrestre (LENIN, 1982), a colonialidade, ou seja, “os mecanismos de dominação que se mantêm em funcionamento pelos países ricos mesmo após as independências” (SILVEIRA, 2021, p. 15), perdura ainda hoje – com os países centrais do capitalismo mundial expropriando a riqueza e explorando a mão de obra de países periféricos, por exemplo. No entanto, com a acelerada inovação tecnológica no campo da comunicação ocorrida nos últimos anos, o fenômeno assume novas dinâmicas e desenvolve-se o chamado colonialismo de dados – no qual a lógica imperialista aplica-se ao fluxo de dados digitais (SILVEIRA, 2021). Isso é perceptível na medida em que “Empresas como Google, Facebook, Amazon e Microsoft teriam não só o poder de extrair, mercantilizar e controlar comportamentos, mas também de produzir novos mercados, por sua capacidade de predição analítica e da modificação de atitudes, práticas e hábitos” (SILVEIRA, 2021, p. 28). Com tal concentração de poder por empresas sediadas em países centrais do capitalismo, observa-se que no âmbito das tecnologias digitais não só permanece a lógica monopolista, como também seu viés imperialista. É importante que se destaque esse fator para que não se tenha falsas ilusões acerca da liberdade que a internet confere aos produtores de conteúdo. Tal liberdade

existe apenas até certo ponto, uma vez que as plataformas que estruturam as redes são desenvolvidas por um pequeno conglomerado de empresas. Ou seja, apesar de o advento da internet aumentar as possibilidades de grupos minoritários influírem no debate público, seu alcance terá maior possibilidade de crescimento na medida em que se alinhar à ideologia burguesa – o que limita a circulação de conteúdos contra hegemônicos. Além disso, há que se considerar toda a estrutura necessária para a realização de uma comunicação de qualidade, ou seja, equipamentos, trabalho em pesquisa, desenvolvimento de material publicitário, administração das redes sociais em que todo o material será publicado, entre outras atribuições que demandam um grande volume de trabalho e, portanto, são muito mais facilmente executadas por empresas do que por comunicadores independentes.

Sendo assim, apesar das inovações tecnológicas que popularizaram ferramentas de produção de conteúdo, a real possibilidade de influir no debate político segue sendo bastante limitada. Ou seja, muitos dos desafios enfrentados historicamente no trabalho de agitação e propaganda realizado pela esquerda revolucionária – tais como a dificuldade em conseguir alcançar um grande público ao disputar espaço com a mídia hegemônica, falta de recursos financeiros, dificuldade em organizar uma rede de comunicação contra hegemônica e, com isso, realização desse trabalho de maneira bastante local – perduram ainda hoje. Dessa maneira, faz-se necessário lançar luz sobre o clássico conceito leninista de agitação e propaganda para se compreender as aproximações e diferenças que podem ser traçadas entre a atualidade e a época em que V.I. Lênin elaborou tais conceitos.

Retomemos o conceito de agitação e propaganda citado ainda na introdução. Compreende-se que o trabalho de agitação consiste em, por exemplo, escolher um fato escandaloso e flagrante que seja de conhecimento geral da audiência e, a partir dele, buscar transmitir uma só ideia – de modo que ela possa ser apreendida por um grande número de pessoas –, apontando como aquele fato expressa uma contradição intrínseca a todo o sistema político. Por sua vez, a propaganda consiste em realizar essa conexão entre a parte e o todo de maneira mais delongada, trazendo mais argumentos e dados, de modo que a mensagem possa ser absorvida por um menor número de pessoas, porém com um nível maior de aprofundamento no tema tratado (LÊNIN, 2020).

Nesse sentido, Lênin defende que a comunicação política revolucionária não se limite apenas à realização de denúncias econômicas, mas avance de forma a priorizar as denúncias de cunho político. Isso porque, apesar das primeiras serem necessárias no

sistema capitalista, elas devem ser apenas um ponto de partida para a elevação da consciência política da classe operária (LÊNIN, 2020). Em sua avaliação, Lênin observa que o alcance desse trabalho comunicativo baseado em denúncias políticas ainda é reduzido na época em que escreve. Segundo ele, principal razão para isso é que

“[...] as pessoas capazes de e dispostas a denunciar não têm uma tribuna de onde possam falar; não tem um auditório que escute apaixonadamente e encoraje os oradores; não veem em nenhum lugar no povo uma força tal que valha a pena dirigir uma queixa contra o todo-poderoso governo russo [...]. Agora, podemos e devemos criar uma tribuna para denunciar o governo czarista diante de todo o povo; e essa tribuna deve ser um jornal social-democrata”. (LÊNIN, 2020, p. 104)

Nesse sentido, ele argumenta a favor do uso da imprensa como meio para comunicar as ideais revolucionárias, principalmente pelo fato de, naquele momento histórico, ela ter se tornado uma grande força na Rússia. O autor destaca o enorme investimento que o governo do país estava realizando em desenvolver esse meio de comunicação (LÊNIN, 2020), o que denota a importância da imprensa para difusão de ideologia dominante e para a influência na opinião pública. Sendo assim, Lênin defende a criação de um jornal proletário, dirigido por um partido revolucionário, como forma de se criar esse espaço de denúncia e educação política, reiterando que “Só um partido que organize campanhas de denúncias realmente dirigidas a todo o povo poderá tornar-se, em nossos dias, a vanguarda das forças revolucionárias” (LÊNIN, 2020, p. 105).

Ao longo da história, no entanto, os meios de realização do trabalho de agitação e propaganda foram diversos, combinando-se segundo as demandas que a conjuntura impunha. A própria Rússia, no período que antecedeu a revolução de 1917, passou por um importante processo de elaboração de formas teatrais que buscavam cumprir a tarefa de agitar e propagandar os ideais revolucionários, tendo recebido a alcunha de “teatro de agitprop”. Tais experiências ganharam força e se multiplicaram por outros países, tendo chegado, por exemplo, à Alemanha e inspirado o dramaturgo Bertold Brecht a desenvolver técnicas teatrais que marcaram a história dessa arte e da comunicação política de maneira geral. Em seus estudos, Brecht buscou compreender a maneira como o teatro burguês realiza a manutenção ideológica do sistema capitalista não apenas por seu conteúdo, mas também pelo formato que se utiliza (NASCIMENTO, 2020). A partir disso, propõe caminhos para a realização de um teatro que possibilite projetar uma nova sociedade, negando a tendência da arte burguesa de se guiar por pretensões comerciais (NASCIMENTO, 2020).

No Brasil, o teatro foi um importante meio de agitação e propaganda socialista, em especial com o reestabelecimento da democracia burguesa no país nos anos 90. Com grande influência do teatro dialético desenvolvido por Brecht, diversas montagens de espetáculos foram realizadas por coletivos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), pelas Ligas Camponesas e pelos Centros Populares de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Tais experiências resultaram em importantes contribuições para a realização da agitação e propaganda por meio da cultura, promovendo no público um olhar distanciado para os espetáculos e para a própria realidade e propiciando a tomada de consciência política.

No entanto, não foram poucos os desafios encontrados pelo trabalho de comunicação de esquerda na história recente do Brasil. Para compreendê-los, há que se levar em consideração as “sucessões intermitentes de ciclos de contrarrevoluções preventivas” (BÔAS, 2018, p. 209), especialmente a que culminou no golpe militar-civil-empresarial de 1964 e interrompeu um processo de importante avanço na organização popular da classe trabalhadora do país. Em certa medida, houve um abandono das táticas de agitação e propaganda por parte da esquerda liberal – que busca realizar na conjuntura “pequenos ajustes pautados pela ideologia liberal” (FERNANDES, 2020, p. 19) e “em geral atua rumo ao centro” (FERNANDES, 2020, p. 19) – que, naquele momento, concentrou energias em conquistar e manter cargos em instituições políticas em detrimento da organização dos trabalhadores pela base. A esquerda revolucionária, por seu turno, manteve algumas ações de mobilização, porém de maneira bastante tímida em relação ao período anterior ao golpe. Nesse sentido, “o protagonismo da indústria cultural no bloco histórico hegemônico reconfigurado em 1964 [...] não foi enfrentado devidamente por nenhuma das frentes de esquerda” (BÔAS, 2018, p. 210), de modo que enfrentar a hegemonia burguesa, inclusive no campo da comunicação, segue sendo um complexo desafio à esquerda brasileira.

A COMUNICAÇÃO POLÍTICA DIGITAL NO BRASIL

Com o advento da internet, diferentes possibilidades de comunicação política surgem, trazendo consigo novos fluxos de produção e consumo nos quais comunicadores independentes passam a ter a possibilidade de veicular conteúdos para um público maior, o que descentraliza a distribuição de produtos comunicacionais até certo ponto. Porém,

há que se ressaltar que tal liberdade não é irrestrita, uma vez que as disputas de poder existentes na sociedade capitalista também se expressam nesse ambiente. No Brasil, observa-se que a direita teve maior facilidade em ocupar as redes digitais, possivelmente por conta do já anteriormente exposto contexto político de monopólio tecnológico por grandes capitalistas.

De forma a compreender a comunicação realizada pela direita brasileira nas redes, começemos por destacar a principal estratégia comunicativa desse campo: a ultrapolítica, por meio da qual constroem-se “adversários a partir de falsas radicalizações, mobilizadas por afetos como medo e ódio” (SENA, 2022, p. 9). Tal estratégia tem forte vinculação com o anticomunismo que,

“[...] segundo Miguel, ganha novas camadas na América Latina. O “bolivarianismo venezuelano” é o fantasma a ser combatido, sintetizado, em especial, pelo Partido dos Trabalhadores, apesar de suas políticas moderadas e de conciliação quando esteve no governo. Assim, nota-se uma sobreposição entre anticomunismo e antipetismo, que se fundirá, ainda, com o reacionarismo moral. Para outros autores, como Carapanã (2018), a bravata comunista, encarada como uma corrente aglutinadora de outras ameaças à ordem vigente, pode provocar imaginários eugenistas, segregacionistas, racistas e, acrescentamos, LGBTfóbicos, que remetem a elementos do nazismo e do fascismo”. (SENA, 2022, p. 8)

Sendo assim, quando a extrema direita passa a ocupar as redes sociais digitais, começa a se esboçar uma estratégia (inaugurada no Brasil por Olavo de Carvalho) de produção de consensos entre um grupo de pessoas que seja grande e coeso o suficiente para lutar contra inimigos fictícios de maneira fervorosa. Tal linha de ação pode ser resumida por meio do conceito de metapolítica, que

“consiste em uma estratégia ideológica de atuação no campo da cultura – das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da educação – para, por meio de sua transformação, possibilitar mudanças consensuais em outras esferas da vida social” (SENA, 2022, p. 8 e 9).

Além disso, cabe destacar a maneira como tais discursos são potencializados pelo capital investido para que alguns tipos de conteúdo tenham muito mais alcance que outros, uma vez que “os discursos de enfrentamento estão sujeitos a um “infocontrole” exercido por empresas privadas que controlam o ciberespaço por meio da manipulação de algoritmos, capazes de regular o alcance, ou a invisibilização de certas mensagens” (SENA, 2022, p. 12).

Diante de tal cenário, é perceptível que o aumento de possibilidades comunicativas trazido pela internet é, na verdade, bastante limitado – em especial para aqueles e aquelas que desejam promover uma comunicação contra hegemônica. Entretanto, de maneira semelhante à época em que V.I Lênin escrevia sobre a necessidade de se apropriar da imprensa por sua importância inescapável, atualmente não há como exercer uma influência significativa na política brasileira sem se utilizar das redes sociais digitais de maneira estratégica.

Nesse sentido, observa-se na ocupação das redes pela esquerda brasileira em geral uma predominância de conteúdos que repetem padrões discursivos da mídia hegemônica. Isso porque, como exposto anteriormente, há maior possibilidade de alcance quanto mais a forma e/ou o conteúdo das peças comunicativas se aproximarem da ideologia dominante. No entanto, apesar da maior visibilidade, tais conteúdos acabam perdendo seu potencial de denúncia política, por empobrecerem falas dissonantes e contra hegemônicas (SENA, 2022).

Vem ocorrendo, contudo, um crescimento da ocupação de espaços por comunicadores alinhados à esquerda revolucionária nas redes sociais digitais, especialmente a partir de 2015, quando “se inaugura o trabalho de comunicação marxista de forma mais sistematizada, no sentido de haver estratégia de comunicação, ocupação de diferentes plataformas de redes sociais digitais e agitação e propaganda” (AMÂNCIO, 2022, p. 72). Tal ocupação ainda possui influência bastante limitada, e traz à tona as diversas contradições existentes entre a maior facilidade de produção de conteúdo por pessoas e grupos independentes e os obstáculos encontrados muito mais intensamente por alguns deles do que por outros.

Uma das características bastante evidentes na produção de conteúdo pela esquerda radical consiste na “[...] marginalidade do trabalho desempenhado – sem grandes investimentos, centrado no indivíduo, dependendo de financiamentos coletivos, sem alcance de massa, dependendo de outras fontes de renda para subsistência, etc. [...]” (AMÂNCIO, 2022, p. 76). Além disso, observa-se uma predominância de professores e pesquisadores nesse meio, profissões que tem passado por um intenso processo de precarização nos últimos anos e, conseqüentemente, não trazem condições financeiras suficientes para que tais comunicadores se mantenham e ainda invistam no desenvolvimento da sua produção de conteúdo para a internet.

“Observamos que os comunicadores se mobilizam de diferentes maneiras para escapar das limitações próprias desse caráter artesanal da comunicação, tais como: a presença em várias redes sociais digitais, alimentando-as com conteúdo frequentemente e evitando os obstáculos algorítmicos; a busca por financiamento coletivo; a tentativa de marcar presença em espaços hegemônicos da esfera pública midiática; e a articulação coletiva entre comunicadores marxistas, funcionando como uma busca por rede de apoio”. (AMÂNCIO, 2022, p. 77)

Nesse movimento de ocupação das redes sociais digitais pela esquerda revolucionária, o TikTok tem sido um dos principais espaços explorados, uma vez que vem ganhando força desde a pandemia de Covid-19. Trata-se de “uma rede social de vídeos curtos focada em humor, dança, atuação, desafios etc, onde os usuários consomem conteúdo com facilidade e dispõe de recursos extremamente profissionais para produzi-lo com agilidade” (P. NETO, 2022, p. 1 apud Arcos Díez et al. 2021). Além de sua popularização ter sido potencializada pelas limitações sociais trazidas pela pandemia – o que conferia a essa rede um caráter de válvula de escape para exercer a criatividade e reforçar laços entre os usuários –, pode-se citar também o protagonismo jovem como um ponto muito forte da plataforma (P. NETO, 2022). Com a popularização da rede, ocorreram algumas importantes alterações na produção de conteúdo para a internet.

“As gradativas mudanças no perfil dos criadores de conteúdo já eram observadas, mas foram aceleradas com a pandemia e as possibilidades que o TikTok oferece. Essas mudanças incluem diversificação de conteúdo, aumento da consciência social e queda de arquétipos bem estabelecidos. Há ainda a publicidade, cuja integração é tão boa que o usuário não tem a experiência prejudicada.” (p. 6)

Especialmente pela amplificação da possibilidade de criação de conteúdo crítico – remixando outros vídeos de forma a criticá-los, por exemplo – e socialmente engajado, mas também pela relevância que o TikTok alcançou, trata-se de uma das plataformas que vêm sendo mais exploradas por comunicadores da esquerda revolucionária para distribuição de seus conteúdos.

O PERFIL DE LAURA SABINO NO TIKTOK E O MÉTODO DE ANÁLISE

O objeto a ser estudado no Trabalho de Conclusão de Curso cujo projeto originou o presente artigo trata-se do perfil de Laura Sabino, graduanda em História na UFMG e militante do Movimento Sem Terra. Ela é uma das comunicadoras marxistas que se destacou nos últimos anos por seu trabalho de comunicação e educação política nas redes – tendo incomodado algumas figuras de direita, como por exemplo o próprio Olavo de

Carvalho. Atualmente, Laura marca presença no Youtube, Instagram, Twitter, Twitch e, ao ocupar também o TikTok, traz para esta rede conteúdos que realizam denúncias políticas, em alguns momentos de maneira mais didática e explicativa, em outros por meio do humor e da ironia.

Posto que a produção de conteúdo realizada por Laura possui um caráter assumidamente anticapitalista, para estudar os 30 vídeos selecionados de seu perfil escolheu-se como método a Análise Crítica do Discurso. Trata-se de um método que se vincula a uma crítica abrangente ao atual estágio do sistema capitalista (MISOCZKY, 2005), e “se caracteriza pela consideração das relações entre linguagem e sociedade, de modo a compreender as relações entre discurso, poder, dominação e desigualdades sociais.” (MISOCZKY, 2005, p. 126).

Os teóricos que elaboram acerca desse método defendem que, por meio do acelerado desenvolvimento tecnológico ocorrido nos últimos anos, o sistema capitalista conseguiu se renovar apesar de suas contradições internas – tais como aquela entre o ritmo acelerado de produção e a redução de poder de consumo entre os trabalhadores por conta da miséria gerada pela própria lógica do capital. Com tais inovações, a produção e troca de conhecimento ganha uma nova importância no sistema, tornando-se cada vez mais importante compreender os processos envolvendo a linguagem e demais artefatos comunicacionais (MISOCZKY, 2005).

A ACD tem como propósito mostrar como o capitalismo se constrói através de processos de dominação, exploração e desumanização; e também como as contradições dentro do sistema constituem um potencial para o projeto de emancipação. A ACD vê os discursos como momentos na produção e reprodução material da vida social, e analisa o trabalho social feito por esses discursos como um foco importante da crítica social materialista (FAIRCLOUGH e GRAHAM, 2002). Portanto, trata-se de uma prática conectada às lutas de resistência e por mudanças” (MISOCZKY, 2005, p. 130 e 131).

Assim sendo, não se pretende buscar uma postura distanciada e supostamente objetiva. Pelo contrário, pesquisadores e pesquisadoras que utilizam a ACD em seu trabalho tomam partido diante de seu objeto e do contexto em que ele se insere, expõe sua posição social e política e procuram desafiar ativamente a ordem dominante (MISOCZKY, 2005), postura que se alinha perfeitamente aos objetivos do Trabalho de Conclusão de Curso que será desenvolvido a partir do caminho apresentado neste artigo.

Na Análise Crítica do Discurso, discursos são entendidos como

“modos de representar aspectos do mundo: processos, relações e estruturas, bem como pensamentos, crenças, percepções. [...]Esses diferentes discursos representam diferentes relações que as pessoas têm com o mundo, e dependem de suas posições (em campos de poder), de suas identidades sociais e pessoais, e das relações sociais em que estão envolvidas. Os discursos não apenas representam o mundo, também são projetivos, imaginários, representam possíveis mundos não existentes, produzem projetos para mudar o mundo existente em diferentes direções” (MISOCZKY, 2005, p. 136).

Há que se ressaltar, porém, que o discurso não abrange apenas o campo linguístico. Ao contrário, ele se constitui por uma combinação de elementos vocais e visuais, inseridos em contextos arquitetônicos e envolvidos por diversos outros sinais extralinguísticos (MISOCZKY, 2005). Além disso, “é preciso estender os estudos críticos do discurso de modo a produzir abordagens sobre as tecnologias de comunicação, e sobre a importância de textos híbridos multimodais e hipertextos”. (MISOCZKY, 2005, p. 129) Sendo assim, pretende-se utilizar do método para compreender a totalidade da produção audiovisual realizada por Laura, incluindo o contexto em que ela está inserida, a linguagem verbal, não verbal, as escolhas de ângulos, estilos de montagem, desenho de som entre outros aspectos.

Ainda que não se tenha desenvolvido a fase de análise do material, já é possível apontar algumas impressões iniciais quando se conecta os vídeos que compõe o corpus de análise à fundamentação teórica realizada até então. Em grande parte desses vídeos, Laura traz à tona situações que estão em alta naquele momento para denunciar as contradições do sistema capitalista. Pelo curto período de duração de cada vídeo, a comunicadora não aprofunda tanto suas análises, trazendo apenas os pontos cruciais do debate – o que aproxima seu trabalho de comunicação política mais ao conceito leninista de agitação que ao de propaganda. Além de usar os assuntos em alta para alcançar mais pessoas e influir nos debates políticos que estão acontecendo na internet, ela também busca usar as ferramentas de edição de vídeo próprias da rede social, o que pode ser uma maneira de aderir à linguagem do público que assiste e/ou produz vídeos na plataforma. Dado que as linguagens surgidas com o TikTok, com suas tendências e nichos, têm sido muito utilizadas por grandes empresas para impulsionar suas vendas e buscar influenciar grupos de consumidores, o uso dessa linguagem por Laura remete à defesa de Lênin de que os meios de comunicação que estão sendo valorizados no capitalismo sejam usados para o trabalho de agitação e propaganda revolucionário.

É possível, portanto, vislumbrar alguns caminhos que poderão ser explorados ao investigar a produção de conteúdo de Laura Sabino para o TikTok por meio da Análise

Crítica do Discurso. Espera-se, ao aplicar o método, aprofundar a compreensão da maneira como a comunicadora está usando o meio audiovisual para participar do debate político na internet, esclarecer melhor se é possível afirmar que os conceitos leninistas de agitação e propaganda realmente estão sendo aplicados por ela e, se são, em que medida eles estão sendo diretamente replicados ou adaptados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o contexto do capitalismo imperialista e, mais especificamente, do colonialismo de dados, ficam claros os obstáculos que comunicadores da esquerda revolucionária encontram ao ocupar espaços na internet. Isso se dá, principalmente, por serem produtores independentes frente a um ambiente dominado pelas grandes empresas desenvolvedoras das plataformas e alinhadas à ideologia que sustenta o capitalismo. No entanto, mesmo com tamanhos desafios, esse é um espaço de debate inescapável se há a pretensão de potencializar o alcance das vozes revolucionárias no Brasil.

Sendo assim, é de fundamental importância refletir sobre o trabalho de ocupação das redes digitais que já vem sendo realizado pela esquerda revolucionária, de modo que seja possível avaliar se estão ocorrendo avanços, quais problemas vêm surgindo na prática e vislumbrar caminhos para potencializar o trabalho que está sendo feito. A proposta de analisar a produção de conteúdo por Laura Sabino é colocada aqui como um ponto de partida, de modo que se possa, com futuros trabalhos, estender tal análise a um corpus maior de vídeos e até mesmo incluir a produção de outros comunicadores.

Com o desenvolvimento da proposta de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada neste artigo, espera-se realizar de maneira mais completa a análise do material audiovisual escolhido e, a partir disso, encontrar pistas sobre a maneira como a comunicação política da esquerda revolucionária brasileira está sendo realizada nos meios digitais.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Michel Francisco. **Ação Contra-Hegemônica Em Rede: Comunicadores Marxistas No Brasil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2022.

BANDOLI, Mabelle. Na “contracorrente” do desenvolvimentismo: autonomia organizativa, democracia partidária e o socialismo radical da Liga Socialista Independente (1956-1960). **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 22, n. 2, 2013. Disponível em:

<https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/download/358/239>. Acesso em: 20 junho 2023.

BÔAS, Rafael Litvin Villas. MST conta Boal: do diálogo das Ligas Camponesas com o Teatro de Arena à parceria do Centro do Teatro do Oprimido com o MST. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 57, p. 277-298, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i57p277-298>. Acesso em: 21 março 2023.

BÔAS, Rafael Litvin Villas; DE ALENCAR ARAÚJO, Julia Iara. Cultura e Política na Formação dos Trabalhadores Brasileiros Diante das Mutações Socioeconômicas e Culturais-Comunicacionais. **Revista de Políticas Públicas**, v. 22, p. 187-214, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3211/321158844008/movil/>. Acesso em: 20 junho 2023.

BRECHT, Bertolt. **Teatro Dialético**. Rio de Janeiro: Portugália Editora, 1967.

CALDAS, Fernanda Gonçalves. É TV na Internet? Matrizes midiáticas e definições em disputa do YouTube no Brasil. **Compós**, Belo Horizonte, jun. 2018.

COSTA, Iná Camargo. Teatro político no Brasil. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 24: 113-120, 2001.

FERNANDES, Sabrina. **Se quiser mudar o mundo**: um guia político para quem se importa. São Paulo: Planeta, 2020.

FREDERICO, Celso. Teatro, comunicação, pedagogia: notas sobre Brecht. **Comunicação & Educação**, São Paulo, abr. 2010. p. 35-44.

LENIN, V. I. **Imperialismo Fase Superior do Capitalismo**. 2ª edição. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 1982.

LENIN, V. I. **O Que Fazer?**. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2020.

NASCIMENTO, Dieymes Pechincha. **Teatro e Movimentos Sociais**: Uma experiência teatral do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

P. NETO, José de Senna; SANTOS, Isadora Mendes dos; MOTA, Marcelle Pereira. TikTok: Qual o Impacto do Crescimento da Plataforma?. In: WORKSHOP SOBRE ASPECTOS DA INTERAÇÃO HUMANO-COMPUTADOR NA WEB SOCIAL (WAIHCWS), 13., 2022, Diamantina. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2022. p. 56-62. ISSN 2596-0296. DOI: <https://doi.org/10.5753/waihcws.2022.226367>. Acesso em: 27 junho 2023.

SENA, E.; GUSMAN, J. Embates e repercussões midiáticas do debate político: Desafios de tradições marxistas na Internet. **Alceu**, Rio de Janeiro, V. 22, Nº 47, mai./ago 2022, p. 5-26,. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/272>. Acesso em: 27 junho 2023.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Colonialismo de dados e a modulação algorítmica**: tecnopolítica, sujeição e guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.